

**CONTO AMOR, DE CLARICE LISPECTOR: UMA ANÁLISE "PSICOLITERÁRIA"
NAS LIGAÇÕES FAMILIARES E NAS TENSÕES ENTRE INDIVIDUAL E
COLETIVO**

**CONTO AMOR, BY CLARICE LISPECTOR: A "PSYCHOLITERARY" ANALYSIS
OF FAMILY CONNECTIONS AND TENSIONS BETWEEN INDIVIDUAL AND
COLLECTIVE.**

**CONTO AMOR, DE CLARICE LISPECTOR: UN ANÁLISIS "PSICOLITERARIO"
DE LOS LAZOS FAMILIARES Y LAS TENSIONES ENTRE LO INDIVIDUAL Y LO
COLECTIVO.**

Andréa Frizo de Carvalho Barbosa^{1*}
Lizandra Nascimento Martins^{2*}

Resumo: A resenha visa alinhar Literatura e Psicologia sobre as ligações nos grupos familiares. E neste contexto, o que é percebido na literatura de Clarice é a mudança e os conflitos da figura feminina na sociedade. De um lado, a mulher, restrita ao ambiente doméstico, em uma posição de não liberdade e as relações familiares marcadas pela hierarquização. Já de outro, a presença de uma inquietação, capaz de colocá-la mais próxima de seu "ser existencial" e de uma posição psicológica de liberdade.

Descritores: Conto Amor. Literatura. Psicologia.

Abstract: *The review aims to tack Literature and Psychology on the links in family groups. And in this context, what is perceived in Clarice's literature is the change and conflicts of the female figure in society. On the one hand, the woman, restricted to the domestic environment, in a position of non-freedom, and family relationships marked by hierarchy. And on the other hand, the presence of restlessness, capable of bringing her closer to her "existential being" and to a psychological position of freedom.*

Descriptors: *Tale Love. Literature. Psychology.*

¹Docente na Faculdades de Dracena. Professora Mestre e Coordenadora do curso de Psicologia. Faculdades de Dracena – UNIFADRA. Dracena, São Paulo, Brasil. E-mail: andrea.barbosa@fundec.edu.br

²Docente na Faculdades de Dracena. Professora Mestre. Dracena, São Paulo, Brasil. E-mail: Lizandra.martins@fundec.edu.br

*Todos contribuíram igualmente para o artigo.

Resumen: *La revisión pretende abordar la Literatura y la Psicología sobre los vínculos en los grupos familiares. Y en este contexto, lo que se percibe en la literatura de Clarice es el cambio y los conflictos de la figura femenina en la sociedad. Por un lado, la mujer, restringida al ámbito doméstico, en una posición de no libertad, y en las relaciones familiares marcadas por la jerarquía. Y por otro lado, la presencia de una inquietud, capaz de acercarla a su “ser existencial” ya una posición psicológica de libertad.*

Descriptor: *Cuento Amor. Literatura. Psicología.*

DESENVOLVIMENTO

Clarice Lispector escreveu o conto “Amor” em 1960, época de inúmeras transformações sociais, culturais e idealistas no Brasil. Neste conto, assim como em outras obras, a autora discute a mudança e os conflitos da figura feminina na sociedade.

Ana, protagonista do conto, mulher do lar, levava uma vida comum a de todas as mulheres que trabalham em casa. Sentindo a vida passar tranquilamente, dando a tudo “sua mão pequena e forte, sua corrente de vida” (LISPECTOR, 2013, p. 11).

Assim como tantas outras mulheres, dentro do contexto histórico vivido por Clarice Lispector e descrito por Dessen (2010), como ainda marcado pela família nuclear, pela hierarquização das relações familiares e uma divisão de tarefas em função de gênero, encontramos Ana firmando sua existência na vida de sua família e no crescimento de seus filhos e de suas plantas, nos cuidados com o pó dos móveis e com a comida a ser servida. “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera” (LISPECTOR, 2013, p. 11).

Neste sentido, vê-se uma Clarice que revela as marcas das ligações familiares do século XX, e por que não dizer, das relações familiares da atualidade, em que mesmo com os movimentos vividos nas décadas de 70 e 80, marcados por uma participação ativa das mulheres no contexto social, político e econômico do País, assim como por relações mais igualitárias entre os cônjuges e entre pais e filhos, nota-se que muitas ainda apresentam uma hierarquia que se reflete na divisão

de tarefas ditas masculinas e femininas apesar de inúmeros esforços para sua superação (DESSEN, 2010).

Além disso, observa-se também a tentativa de encobrimento do sujeito e de seus desejos, do sujeito indagativo, a partir do abandono da juventude que passa a ser para Ana “estranha como uma doença de vida” (LISPECTOR, 2013, p. 11). Sabe-se que uma das marcas da adolescência, do jovem em seu processo de desenvolvimento, é o questionamento das então ditas verdades, sendo assim, enquanto um ser social e histórico, ele sofre as influências de sua cultura, mas também a constitui (BERNI; ROSO, 2014). Neste sentido, abandonar a juventude, os sentimentos, ideias e pensamentos críticos muito próprios desta fase do desenvolvimento humano, é uma forma de abafar ou reprimir as transformações, as possibilidades de mudança de um indivíduo, grupo ou sociedade.

Observa-se que Ana descobre nas relações familiares e na vida adulta que “também sem a felicidade se vivia” e que todos aqueles projetos da juventude, projetos existenciais, estavam fora de seu alcance. No entanto, nitidamente não tinha consciência disso e estava certa de que vivia a vida que “quisera e escolhera” (LISPECTOR, 2013, p. 11).

E os momentos, “certa hora da tarde era mais perigosa” que poderiam colocá-la mais próxima da consciência de sua condição existencial, sua posição de não liberdade, eram marcados pela inquietação (LISPECTOR, 2013, p. 11). Assim, como apontado por Forguieri (2001), Ana era tomada por uma inquietude, um sentimento global de preocupação, que aparecia quando se deparava com a necessidade de cuidar de algo até então desconhecido por ela mesma.

Segundo Forguieri (2001), essa inquietude pode chegar a uma profunda sensação de angústia, sentimento esse despertado no encontro de Ana e o homem cego que mascava chicles. Angústia que deveria ser sustentada para que Ana pudesse indagar sobre o sentido de sua própria existência. Já que, como proposto por Kierkegaard (1968 apud FEIJOO, 2010), a angústia revela o caráter de indeterminação da existência que abre ao homem a sua posição psicológica de liberdade ou não-liberdade, condição última experiência da por Ana até o presente momento no conto. Entretanto, ela afastava-se logo da possibilidade de consciência

dessa posição, logo saía às compras, para as ocupações da vida cotidiana, já que “na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido” (LISPECTOR, 2013, p.11).

No entanto, esse abafamento não pode ser sustentado quando “olhou para o homem parado no ponto. [...] “Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: [...] Um homem cego mascava chicletes” (LISPECTOR, 2013, p. 12).

Note que esse é o grande momento do conto, o momento da epifania, do súbito entendimento, “ele mastigava goma na escuridão” (LISPECTOR, 2013, p. 12). Ana depara-se com a liberdade do homem cego e “o mal estava feito” (LISPECTOR, 2013, p. 12). Ela subitamente é invadida pelo desconforto e tentava compreender os motivos de seus sentimentos indagando: “teria esquecido de que havia cegos?” (LISPECTOR, 2013, p. 12). Ela respirava pesadamente e o “mundo se tornara de novo um mal-estar” (LISPECTOR, 2013, p. 12). Passava a olhar todas as coisas ao seu redor com um prazer imenso e sofria espantada.

Ana, angustiada, experimenta o mundo de modo singular, pois experiência a possibilidade de ser-si-mesma, depara-se com a liberdade e com o mundo de possibilidades desconhecidas na vida que até então acreditava que “quisera e escolhera” (LISPECTOR, 2013, p. 11).

E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. [...] Fora atingida pelo demônio da fé. [...] O que faria se seguisse o chamado do cego? [...] O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? (LISPECTOR, 2013, p. 14).

A crise de Ana (individual) nos remete a crise do homem contemporâneo (coletivo), uma vez que todos nós estamos seguindo o fluxo ditado pelo mundo capitalista, pelo mundo do ter, afastados do mundo do ser. Estamos todos reproduzindo os papéis esperados de cada um de nós com a ilusão de alcançarmos a felicidade, o sucesso e o bem-estar. No entanto, esse caminho nos distancia de nós mesmos, daquilo que realmente dá sentido à nossa existência. Passamos a

viver no impessoal, na multidão, e como descrito por Feijoo (2010), com uma consciência enfraquecida, buscamos a felicidade e tantas outras coisas naquilo que é ditado por todo mundo.

Castro (2020) afirma que essa crise do mundo comum se estende à crise das possibilidades subjetivas de ser no mundo. Passa-se então, a um regime de urgência, cuja subjetividade ganha forma de capital, ou seja, um conjunto de habilidade e atitudes em busca de valorização no mercado, logo esvaziado de experiências de ser.

O “chamado do cego” Lispector (2013, p. 14) aparece para Ana e para nós como uma possibilidade e abertura para uma nova vida. Um chamado para uma existência na qual novas formas de fazer, ter e ser podem criar novas maneiras de temporalização e sociabilidade (CASTRO, 2020). E frente a essa possibilidade, temos uma escolha a fazer: abraçar a esse chamado que nos revela a nossa condição ontológica de poder-ser, de liberdade, de assumir a tutela de nossa própria existência, ou abafar a esse chamado e entregar-nos à tutela do outro, à tutela do mundo.

Infelizmente, Ana aceitou a tutela do mundo, mesmo tendo atravessado “o amor e o seu inferno” Lispector (2013, p. 16), aceitou a tutela do outro e diante do convite: “é hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás” mais uma vez, afastou-se do perigo de viver (LISPECTOR, 2013, p. 16).

Essas reflexões nos levam a uma indagação: quantas vezes aceitamos como natural aquilo que não é, que nos afasta de nós mesmos, que nos distancia do nosso ser mais próprio? Segundo Feijoo (2010), na verdade, autorizamos e até buscamos aquilo que abafa essa tonalidade afetiva desconfortante, mas que nos abriria para uma estranheza e permitiria o surgimento de uma escolha singular.

Então cabe agora a nós a escolha: abraçaremos ou abafaremos o “chamado do cego” (LISPECTOR, 2013, p. 14)? Assumiremos a nossa individualidade ou nos entregaremos ao coletivo? Assumiremos a nossa tutela ou deixaremos que o outro assuma? Assumiremos a nossa liberdade ou nos

afastaremos do perigo de viver? Assumiremos “o amor e o seu inferno” (LISPECTOR, 2013, p. 16) ou não?

Isso mesmo, “o amor e o seu inferno” (LISPECTOR, 2013, p. 16). Mesmo amor sentido por Ana neste encontro profundo consigo mesma e com o mundo, cuja “marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas” (LISPECTOR, 2013, p. 12). Amor que a abriu para um mundo cheio de belezas, cores, compaixão e vida, mas também repleto de sofrimento, dor, “náusea” e morte (LISPECTOR, 2013, p. 14). Assim, assumir uma posição de liberdade, de tutela de nós-mesmos, nos coloca diante de uma vida pulsante, vibrante, mas não sem nos revelar o inferno e a angústia de termos que escolher o que, e como, queremos viver esta existência.

Conclui-se que “Amor” é um conto ícone quando se pensa em Clarice. Não só pela ruptura com o mundo, mas também pela extrema subjetividade, e o mergulho no mundo interior e complexo da personagem central que, ao ter o seu “ser social” esvaziado, fica a sós com seu perigoso “ser existencial”.

REFERÊNCIAS

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vQrgynH9BHggw3M5kXnHjmm/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 out. 2021.

CASTRO, F. G. Crise do sujeito contemporâneo e novas possibilidades de ser no mundo a partir do existencialismo. In: DUTRA, E. (org.). **Sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise**. 1. ed. Rio De Janeiro: IFEN, 2020. v. 1. p. 193-212.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. SPE, p. 202-219, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/R498b6yFx3wnG7ps8ndBFKb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológica-existencial**. São Paulo: Vetor Psico-Pedagógica, 2010. p.101-128.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. SP: Pioneira, 2001. p. 13-22.

REVISTA

CAMINHOS 
Faculdades de Dracena



LISPECTOR, C. **Laços de família**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. p. 11-16. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Lacos%20de%20Familia%20-%20Clarice%20Lispector.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.